



MANUEL AYRES – UM ÍCONE DA MEDICINA E DA CIÊNCIA DO PARÁ

Alberto Gomes Ferreira Junior

Saudação na sessão solene de outorga
do título de Membro Honorário da AMP
Belém, 29/06/2016

Por designação do Senhor Presidente da Academia de Medicina do Pará, Dr. Ubirajara Imbiriba Salgado, coube-me a difícil e honrosa missão de saudar nesta sessão solene o Professor Manuel Ayres que, por decisão unânime de sua Diretoria, será hoje acolhido como seu Membro Honorário.

A missão é espinhosa, porque nosso homenageado é detentor de irretocável carreira como médico, cientista, escritor e homem público, porém, ao mesmo tempo honrosa, por conta de sua personalidade simples e acolhedora, seu humor cativante e sua vida sempre alicerçada nos princípios cristãos de humildade, fraternidade e de respeito ao próximo.

Para ordenar minha apresentação, irei discorrer sobre sua vida pessoal e familiar, que incluiu Iza, sua grande paixão; a trajetória profissional como médico pediatra, a especialização em genética, as atividades de sanitarista e homem público, e o exercício do magistério superior como professor de Bioestatística.

A vida e a família

Suas origens estão em Óbidos, a cidade Presépio, no oeste do Estado do Pará. Filho do casal José Cardoso Ayres e de Ana Michiles Ayres, na intimidade Anica. Ele, português e farmacêutico, proprietário da Farmácia Esculápio; ela, filha de tradicional família amazonense de Maués. Casaram-se em março de 1918, dentro de um navio no porto de Óbidos, em cerimônia celebrada pelo próprio comandante. O pai era viúvo e tinha dois filhos; Lauro e Rosa, que foram carinhosamente criados por Anica,

junto aos seis filhos que o casal teve, a saber: Maria, Ana, Dolores, José, Miguel e, o último, Manuel, o nosso homenageado, que nasceu em 9 de janeiro de 1925, no Dia do Fico, como sempre gosta de lembrar. Lauro, faleceu ainda menino. José e Miguel, muito inteligentes e inventivos, faleceram respectivamente de meningite e de febre tifóide na adolescência. Com Manuel ficou a saudade e a lembrança das brincadeiras com os irmãos no quintal de sua casa.

A educação dos filhos sempre foi considerada o maior legado a ser deixado por seus pais. Assim, Manuel iniciou seu curso primário em 1931 no Colégio São Francisco de Assis, sob orientação dos frades franciscanos, onde o concluiu em 1935. Em 1936, aprovado no exame de admissão, seguiu junto com as irmãs Maria e Ana para Manaus, onde se matriculou no Ginásio Amazonense Pedro II, concluindo o curso ginasial em 1940. Desse período, inicialmente, recorda-se do padrinho Dr. Cordeiro de Melo, médico do Exército e grande amigo do seu pai, que o acolheu em sua residência, à Rua Afonso Pena. Posteriormente, foi morar com a mãe e as irmãs, em uma casa alugada na Rua Monsenhor Coutinho. Para o menino Manuel, a sensação de "estrangeiro" na terra dos outros serviu como duro aprendizado para o futuro, pois era maltratado pelos manauaras, por ser do Estado vizinho. Em compensação, embora sendo o menor e o mais franzino da turma, era exímio praticante do voleibol e, particularmente, do futebol. Costuma dizer: "Fui um bom goleador, de dar inveja ao Romário". Também nessa época foi premiado com uma medalha por datilografar 80 palavras por minuto em seu exame final do curso na Escola Royal de Manaus.

Em 1941, nova mudança, desta vez para Belém, onde se matricula no Colégio Estadual Paes de Carvalho para cursar o pré-médico, concluído em 1942.

Em 1943, inscreveu-se no concurso de habilitação à Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, tendo sido aprovado e onde colou grau de médico em 8 de dezembro de 1948 (Foto 6). A opção pela Medicina veio da influência paterna, também estendida à irmã Maria que se formou em Farmácia no Amazonas. A irmã Ana fez opção pelo magistério e se tornou conhecida dos obidenses como Professora Santana. Dolores, apesar de portadora de catarata congênita, estudou música, aprendendo violão e acordeão. Faleceu jovem, aos 32 anos, em 1958. Em Belém, Manuel residia com a família do senhor Amarante, amigo e conselheiro de seu pai, em uma casa alugada cujo proprietário era o avô materno de sua futura esposa Iza, a que não conhecia ainda.

Em Óbidos, quando era aluno na classe do Professor Tostes, Manuel foi colega de Nelly, a irmã mais velha de Iza. Corria o ano de 1947 quando Manuel recebeu um telefonema de certa moça que era parenta de Areolino Amaral, casado com Ana, irmã de Manuel. "Eu brincava com a Iza, dizendo-lhe que, como ela era sobrinha da minha irmã, eu também, por afinidade, era seu tio". Manuel ria. Ficara encantado com a voz da jovem.

Iza do Amaral Corrêa, a dona da voz, nascera em Juruti, também no oeste do Pará, em 8 de outubro de 1930, quinta filha de uma prole de sete do casal Márcio Guimarães Corrêa e Alda Amaral. O pai, nascido em Santarém, era descendente dos barões de Santarém e do Tapajós. Logo a família se mudou para Óbidos, onde a história dos Amaral Corrêa encontraria a dos Ayres. Em 1937, ela passa a residir em Belém, para onde o pai fora transferido pelo Governo do Estado. Ela era, segundo Nelly, a irmã mais velha, o xodó do pai, por seu comportamento afável e faceiro, ou a Mocinha, como ele a chamava carinhosamente. Sempre muito loquaz, ela logo combinou um encontro com Manuel, na calçada de sua casa, ladeada pelas irmãs. O namoro estava começando e iria resistir às sucessivas mudanças de cidade que Manuel enfrentaria, logo após sua formatura. Seu Ayres veio a Belém e fez formalmente à mãe da noiva, viúva àquela época, o pedido de consentimento do casamento. Casaram-se em 29 de dezembro de 1951, na Basílica de Nazaré. Logo em seguida, vieram os filhos: Helena Maria, em 1952; José Márcio, em 1954 e Manuel Junior, em 1956. Helena Maria seria advogada. José Márcio, cientista, considerado "o guardião da Amazônia", foi o criador da Estação Ecológica do Mamirauá, hoje mundialmente conhecida. Faleceu prematuramente em 2003. Manuel Junior, por sua vez, seria coronel da reserva da Força Aérea Brasileira e engenheiro pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica.

Essa mulher alegre, generosa, mãe e avó extremada, protetora dos menos favorecidos, foi sempre sua fiel companheira nas decisões mais difíceis de sua carreira e em todas suas atividades na Universidade, na Secretaria de Saúde, no Tribunal de Contas do Estado e, principalmente, como grande conciliadora que era, na sempre árdua missão de atender aos interesses partidários da política administrativa estadual da época.

Em 2001, em Nova York, com o filho José Márcio já enfermo, o casal não festejou suas bodas de ouro, mas ele a presenteou com um bonito anel de diamante com três pedras que, segundo suas palavras ao neto que o acompanhou na aquisição da joia, representavam as três preciosidades da vida dela: os filhos Helena, José e Junior, para, logo em seguida também acrescentar outros três: os netos Daniel, Lucas e Bruno.

Em 2008, um mês antes de partir, Iza deixou o seguinte bilhete para a família:

"Queridos Manuel, Helena, Junior e minhas crianças, Bruno, Daniel e Lucas, Berna, Paulo e Debinha,

"Não poderia deixar vocês sem dizer-lhes que amei sem fim o avô de vocês". Refiro-me a eles porque são os mais jovens e ainda têm muito que viver. Meu sonho foi menor que a realidade. A realidade, foi maior, mais bela. À Nelly, Aline e Dedé, e seus respectivos amores, meu coração a vocês. À Ely e Jô, meu muito obrigado. Ao Artur, nosso apreço. Manuel, siga em frente. Crianças, olhem pelo vovô. O meu amor será sempre seu".

Para Manuel, ficaria para sempre a voz que o encantara ao telefone há muitas décadas, ou aquela que sempre o lembrava em tom bem-humorado: "Manuel, eu que te escolhi".

O médico pediatra

Os seis anos vividos na Faculdade foram, segundo ele, de uma vivência integral em clínica médica, cirurgia, anestesia, hemoterapia e exames de laboratório, e culminaram com o estágio na Santa Casa de Misericórdia e no Hospital dos Marítimos. Na verdade, ele estava se preparando para atender às demandas de Óbidos, pois, como sabemos, hoje assim como ontem, as pequenas cidades brasileiras necessitam de generalistas. Por um período, Manuel atuou com consultório próprio e no Hospital da Santa Casa do Município. Cedo, entretanto, constatou a necessidade de especializar-se em Pediatria, bastante carente em sua cidade. Em 1949, ao acompanhar a mãe e a irmã Dolores para tratamento da catarata em Campinas, fez estágio concomitante na Maternidade "Leonor de Barros" e no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, no conceituado serviço do Professor Pedro de Alcântara Marcondes Machado. Em 1951, ao regressar a Belém, atuou como Pediatra no Hospital Ophir Loyola, na Secretaria de Saúde Pública do Estado do Pará e no Hospital da Ordem Terceira. Em 1952, aceitou o convite do Professor Abelardo Santos e ingressou como professor da disciplina de Pediatria e Puericultura de sua Faculdade, sendo nomeado Assistente, tendo exercido, simultaneamente, a mesma função nas Escolas de Enfermagem e de Serviço Social do Pará. Em 1958, defendeu tese de Doutorado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará (UFPA), intitulada "Tratamento da Ascaríase na infância". Em 1961, obteve o título de Livre Docente da mesma disciplina, tendo sido elevado à categoria de Professor Adjunto. Ao mesmo tempo, iniciou uma carreira bem-sucedida como pediatra, em consultório particular e na rede pública de saúde, aliada à atividade acadêmica. Publicou diversos artigos da especialidade em Anais

de Congressos Brasileiros e Sulamericano de Pediatria. Foi sócio fundador e Presidente da Sociedade de Pediatria do Pará.

O Geneticista

Em 1965, interessado pela genética, desloca-se com Dona Iza para o Rio Grande do Sul a fim de estudar no serviço do Dr. Francisco Mauro Salzano, Professor Emérito da UFRGS, um pioneiro da especialidade no Brasil, com estudos sobre a genética de moscas drosófilas e de populações indígenas da América, inclusive na Amazônia. Essa experiência, mudaria o rumo de sua vida. Ao retornar a Belém, abandonaria a carreira de médico e aceitaria o convite do então Reitor da UFPA, Professor José Rodrigues da Silveira Netto, para dedicar-se ao ensino de Biologia. Em 1966, organizou e chefiou o primeiro Laboratório de Genética da Universidade, época em que publicou diversos artigos sobre o tema em periódicos nacionais e internacionais. De 1969 a 1970, como bolsista do CNPq, estagiou no Departamento de Genética da Escola de Medicina da Universidade de Michigan, em Ann Arbor, nos Estados Unidos da América. Teve também, participação expressiva em diversos congressos da especialidade.

Por nomeação do Presidente da República, exerceu o cargo de Coordenador do Centro de Ciências Biológicas da UFPA, de 1971 a 1975. Nessa época, com o auxílio de três mulheres – Iza, Ivete Nascimento e Terezamaria Soares, pôde criar o Curso de Biologia da Instituição, o primeiro da região amazônica. Foi o pioneiro, também, na criação do curso de Biomedicina. O exercício da atividade administrativa o fez afastar-se temporariamente da pesquisa, iniciando assim nova etapa em sua vida, culminando com sua indicação para a Secretaria de Estado de Saúde Pública, no Governo Aloysio Chaves.

O sanitarista e homem público

Ao assumir em 1975 a Secretaria de Estado de Saúde Pública do Pará (SESPA), seu desafio era elaborar um Plano Setorial de Saúde Pública que fosse capaz de mudar o perfil epidemiológico do Estado, imutável desde o início do século XX. Com a ajuda de profissionais da área e com sua arguta visão de médico, cientista e professor, investiu na formação de recursos humanos – sanitaristas e auxiliares de enfermagem – como por exemplo na qualificação de "parteiras curiosas", com o objetivo de reduzir o tétano neonatal, uma das maiores causas de mortalidade infantil no primeiro lustro dos anos setenta do século passado. Modernizou-a, investindo em 1977 na implantação da Unidade de Informática da SESPA, voltada para as atividades-fim, passando a controlar as mortalidades infantil e geral na área metropolitana de Belém. Fez publicar

diversos folhetos e números de boletins epidemiológicos, contendo importantes orientações para prevenção de doenças infectocontagiosas e de imunizações, além de amplos relatórios sobre as atividades da Secretaria. Instituiu o Programa “Promotoras de Saúde”, para qualificar mulheres que atuariam como agentes de saúde, visando sobretudo à redução da mortalidade infantil, à semelhança do que vira anos antes ao visitar a Colômbia a convite da Organização Pan-Americana de Saúde. Criou a Fundação Centro Regional de Hemoterapia do Pará, o atual HEMOPA, do qual foi seu primeiro Presidente. Ao findar sua gestão à frente da Secretaria quatro anos depois, pôde constatar com satisfação que o quadro nosológico inicial que encontrara, com predominância de doenças parasitárias e infectocontagiosas, havia mudado, com o consequente aumento na expectativa de vida e o surgimento das neoplasias e doenças cardiovasculares como principais causas de mortalidade, quadro que se mantém até os dias atuais. Ele próprio resumiu de forma clara e objetiva sua passagem pela SESPA. "Como dirigente da Secretaria de Saúde me realizei da maneira mais completa como médico, eis que o chamado espaço amostral do sanitarista abrange todas as pessoas, doentes e sadias, o que não ocorre com os médicos clínicos e cirurgiões, os quais, na essência, só atendem aos doentes."

Em 1979, foi nomeado pelo então Governador Aloysio Chaves para o Tribunal de Contas do Estado, onde voltaria a imprimir sua marca, com a ampliação das instalações físicas, a criação da Divisão de Controle Interno, do Centro de Processamento de Dados, com a informatização completa dos processos de trabalho, além da importação, de outros Estados, do sistema de auditoria externa e do Manual de Prestação de Contas de Convênios, Auxílios e Subvenções concedidos pelo Estado. Exerceu a Presidência do Tribunal no biênio 1989-90, quando fez publicar duas obras sobre o grande militar e político paraense, ministro de diversas pastas no início da República, Serzedelo Corrêa: "Serzedelo, um homem de pensamento", de Clóvis Moraes Rêgo e Polyanthéa, reedição de uma coletânea histórica de textos do próprio Serzedelo Corrêa, do final do século XIX.

O professor de Bioestatística

As inúmeras atividades como homem público não foram capazes de arrefecer o ânimo de nosso homenageado para uma tarefa de enorme significado educacional e social: o ensino de forma racional, simplificada e objetiva da Bioestatística, ao qual se dedica atualmente em sua "aposentadoria", apesar dos noventa e um anos de idade.

Esta atividade é exercida através de aulas formais e da orientação de trabalhos acadêmicos na pós-graduação na UFPA, nas áreas da Estatística, Biologia e Bioestatística.

É autor de diversos livros e "software" nesta área, entre os quais destacamos: "Aplicações Estatísticas em Basic", em 1987; o software "Tabuada, em Basic", de 1988, para alunos das primeiras séries do ensino básico, o clássico "BioEstat" de 1988, atualmente em sua versão 5.0, de 2007, "Elementos de Bioestatística" e "A Seiva do Açaizeiro", em sua segunda edição. Esse livro, pelo qual Dona Iza tinha um especial carinho, pode ser resumido sob duas visões. Na de Sérgio Barbosa, autor do prefácio da 2ª edição: A capa do livro ilustra o campo de abrangência da Bioestatística, apresentando as diversas disciplinas nutridas em sua metáfora "A Seiva do Açaizeiro", podendo traçar um paralelo com a busca do conhecimento e sua sistematização representada pela metáfora da árvore de Descartes descrita no prefácio de "Princípios da Filosofia", na qual "(...) a filosofia é como uma árvore, cujas raízes são formadas pela metafísica, o tronco pela física e os ramos, que saem desse tronco, constituem todas as outras ciências (...)". A segunda visão é a do próprio autor: Peço minhas escusas pelos possíveis vieses cometidos por não ser um Livro de Estatística de maior envergadura, mas, como diz Fernando Pessoa, "Quem quer pouco, tem tudo". E se os estudantes apreciarem "um pouco" as páginas deste texto, então terei tido "tudo" na vida acadêmica, cujos caminhos nem sempre são fáceis de nos transportar para o fim almejado. E se assim for, ficarei jubiloso com o meu desempenho e muito agradecido, sobretudo porque, em vida, a querida esposa IZA sempre me estimulou a publicar o presente trabalho.

Manuel Ayres empenhou-se com afinco na publicação em 2010 do livro "José Márcio Ayres – Guardião da Amazônia", de autoria de Rose Silveira, que atendia a um desejo expresso de Dona Iza. Ela gostaria de preservar a memória do filho através do legado por ele deixado.

Em 2011, publicou "Manuel & Iza – Crônicas e Memórias dos Ayres", uma coletânea de diversas fases da vida do casal, de onde retirei boa parte desta apresentação. Em 2014, publicou "Crônicas", outra coletânea de diversos temas que vão da arte e a ciência até um tributo merecido, passando por outros fatos presenciados durante sua existência.

Manuel Ayres é Professor Emérito da UFPA e recebeu diversas medalhas e honrarias ao longo da vida, entre as quais destacamos a Palma Universitária de prata e a de ouro da UFPA; a Medalha Tiradentes, concedida pelo Governo do Estado; a Medalha "Serzedelo Corrêa", classe A, por relevantes serviços prestados ao TCE. Em 2011, foi homenageado

com a escolha de seu nome para denominar a Escola Técnica do SUS, criada em 2006 pelo Governo do Estado e vinculada à SESPA com a finalidade de formar e capacitar recursos humanos na área de saúde pública. É membro honorário da Academia Artística e Literária de Óbidos.

Senhor Presidente, senhores acadêmicos, colegas médicos, senhoras e senhores. Considero-me, nesta noite de Sessão Solene da Academia de Medicina do Pará, um privilegiado por ter tido a oportunidade de saudar a figura íncrita desse médico e cientista que – como diria Clóvis Meira, a quem tive a honra de suceder neste silogeu –, tem lugar cativo no que ele denominou como o "Panteon" dos médicos do Pará.



Manuel Avres
Membro Honorário

